

Da Bahia a São Paulo – Luiz Gama, o nosso valoroso “Orfeu de carapinha”

JERUSA PIRES FERREIRA

é professora da ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde dirige o Núcleo de Poéticas da Oralidade. É autora de, entre outros, *Cavalaria em Cordel* (Hucitec), *Fausto no Horizonte* (Hucitec/Educ), e *Armadilhas da Memória* (Casa Jorge Amado).

No ano de 1982, Orígenes Lessa num original livrinho, publicado pela Casa Ruy Barbosa, aborda duas figuras da cultura brasileira – *Inácio da Catingueira* e *Luiz Gama: Dois Poetas Negros contra o Racismo dos Mestiços*. Cada um deles procurou lidar, à sua maneira, com a sua condição, entrando em combate ativo e acirrado, utilizando os meios de que dispunham, para enfrentar o preconceito e a discriminação. Fosse a palavra certa, da disputa em cantoria, no caso do primeiro, exaltado por Graciliano Ramos em seu *Viventes das Alagoas*, fosse a ironia ferina, no caso do segundo, a troça bem dirigida, impressa nos versos do gênero burlesco, e com o apelo das trovas populares.

Assim nos transmite Orígenes o que disse Coelho Neto, ao prefaciar a terceira edição das *Primeiras Trovas*: “Luiz Gama é dos raros que, neste risonho país onde só o homem é triste, riem francamente. Ele zomba do poder, das instituições, dos farsantes, da fidalguia e da militança” e “até o Imperador [Pedro II] entra na dança” (Lessa, 1982).

Mas sabemos que uma coisa é o poeta, o “Orfeu de carapinha”, como ele se autodenominava, e outra são os lances doloridos de sua vida, os muitos episódios e as “mitologias” que envolvem sua vida pessoal. Nascido livre e feito escravo. Vendido por seu pai, um aristocrata branco, num ato difícil de explicar, tal o seu apego anterior ao menino (dívida de jogo? Vingança?), e comprometido com a busca permanente de sua mãe, a bela e evocada rebelde negra malê Luisa Mahin, pagã, deportada para a África, segundo se diz, e que ele jamais pôde encontrar.

O poeta a descreve, conforme Sud Mennucci, em termos de tal intensidade que estamos a ver a personagem: “minha mãe era de baixa estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa” (Mennucci, 1938).

Sobre esse assunto, em depoimento oral, nos diz o historiador baiano Cid Teixeira que a mãe do poeta, a liberta Luisa Mahin, é uma espécie de ficção (e qual a lembrança que não o é?), na medida em que não existem documentos concretos sobre ela.

Também, ao longo de seu difícil caminho, Luiz Gama teria trocado não apenas o nome de família, mas o seu próprio. Da Bahia a São Paulo, houve um longo caminho, árduas conquistas e duras vivências, repellido aí até como escravo, pelo fato de ser baiano, conforme carta que Luiz Gama endereçou a Lúcio e Mendonça (São Paulo, 25/7/1880).

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, poeta, republicano e considerado por muitos como o mais importante abolicionista de São Paulo (Vainfas, 2002), viveu de 1830 a 1832, contando-se o episódio de seu enterro, quando os negros teriam tomado em suas mãos o esquife e o levado a enterrar, imagem forte que representa toda uma existência...

Sabemos de suas experiências de aprendizagem e de seu autodidatismo, da militância, em cada passo em defesa dos escravos, a participação abolicionista, enfim uma biografia tão tragicamente atraente, que faria esquecer um pouco a obra desse poeta singular, os componentes expressivos de sua criação poética.

Há em sua criação e no exercício da sátira a força daquilo que se pode chamar de resistência, alicerçada no cultivo do ressentimento, senão raiva mantida pelo poeta e manifesta, desde logo, em suas *Primeiras Trovas Burlescas*:

“Que mundo? Que mundo é este?
Do fundo seco dest’alma
Eu vejo... que fria calma
Dos humanos na fereza!”.

Matéria não lhe falta para esse rancor que o toca a partir de dentro, do vivido, à diferença do humanismo retórico de outros poetas românticos, para alimentar a densidade dramática, muitas vezes transformada em sátira. A traficância de seres humanos, a hipocrisia e a infâmia são o



seu alvo, envergonhando-se muito dos que renegam suas origens africanas (as vítimas) e que proclamam a superioridade de sangue dos brancos, dos criminosos e dos traficantes, negreiros e escravocratas. É nesse tom que ele finaliza um poema que denomina “Pacotilha”, e no qual aparece a original criação de um verbo como o *preteciar*:

“E se eu que pretecio
D’Angola oriundo
Alegre, jucundo
Nos meus vou cortando;
É que não tolero
Falsários parentes,
Ferrarem-me os dentes
Por brancos passando”.

Foi muito difundida e ficou como uma espécie de marca do poeta a famosa “Bodarrada” que, segundo Orígenes Lessa, lhe garante cadeira cativa na história da sátira no Brasil, e eu acrescentaria, em nossa literatura. Não seria pois fora de propósito aqui reavivá-la:

“Se negro sou ou sou bode
Pouco importa.
O que isso pode?
Bodes há de toda casta
Pois a espécie é muito vasta...
Aqui nesta boa terra
marram todos... tudo berra...”.

Mas têm lugar nessas suas trovas outros registros de expressão poética. Escreveu Gama um belo poema, dialogando com as “Endechas a uma bárbara escrava” com as quais Luís de Camões inaugura o canto de amor à mulher negra, pretidão de amor, e em que “a neve lhe jura/ que trocara a cor”. Propositalmente dá-lhe o título “Cativa”, impondo a presença da mulher negra na condição de musa, em nosso espaço literário.

“Como era linda, meu Deus!
Não tinha da neve a cor
Mas no moreno semblante
Brilhavam raios de amor”.

Assim, também o retrato ideal de sua mãe, e desta vez dialogando com Junqueira Freire: “Era mui bela e formosa/ Era a mais linda pretinha/ da adusta Líbia rainha...”.

No entanto, é preciso dizer que o lugar desse poeta na literatura brasileira nem sempre é garantido, há matizes muito reveladores quanto à extensão e valor de sua inclusão, ou até de sua exclusão. Um trabalho extensivo sobre o assunto, inclusive compulsando as diferentes edições da mesma obra crítica que se refere ao poeta, nos daria parâmetros bem interessantes. Há os que omitem por questão de coerência a um projeto crítico ou apenas o consideram um poeta menor do terceiro romantismo.

Sud Mennucci, que escreveu o livro *Luiz Gama: o Precursor do Abolicionismo no Brasil*, ocupou na Academia Paulista de Letras a cadeira de número 15, que tinha sido do poeta, dedicando-se por isso ao estudo de sua obra. E nos diz, para exaltar o seu antecessor, que ele tinha sido comparado por Silvio Romero a Terêncio Spartaco e que Alberto Torres o aproxima da energia de George Washington.

Mas Araripe Jr. (1966), por exemplo, vê em Gama sobretudo uma natureza de combate e agressão.

No *Dicionário de Literatura Portuguesa Galega e Brasileira* (Coelho, 1969), fonte de consulta sempre tão imprescindível, ele não tem suficiente prestígio para constituir um verbete mas aparece em itens como: Escravos, Humor, Sátira, e ainda mais a sátira ligada à Monarquia e à Campanha Abolicionista.

Ronald de Carvalho (1937) o coloca entre os poetas menores e o chama “o endiabrado mestiço da bodarrada”.

Massaud Moisés (1984) dá-lhe um espaço e transcreve trechos de Coelho Neto que, ao contrário daqueles citados por Orígenes, desmerecem a qualidade da obra do poeta, porém em outras passagens da obra valoriza a atuação abolicionista.

Alfredo Bosi (1964; 2000) destaca o seu aspecto de orador libertário e o cita como predecessor de Fagundes Varela e de Castro Alves, em sua *História Concisa da Li-*

teratura Brasileira, e em várias passagens da *Dialética da Colonização* ressalta com razão a ação política e transformadora, o protestador veemente.

Stegagno Picchio (1977) nos fala de Gama num plano literário mediano, destacando-o sobretudo como o fundador das “efêmeras mas saborosas folhinhas, como o *Diabo Coxo*, *O Cabrião*”, título este retirado do folhetim de Eugene Sue, inaugurando uma imprensa humorística urbana.

Coube, portanto, a Lígia F. Ferreira (2000), organizadora da edição das *Trovas Burlescas* e autora de um belo ensaio introdutório, um importante papel – o de destacar, a meu ver, as conexões fundamentais entre o autor, o tempo social e político e considerar a obra em si própria. Ela procurou estabelecer as pontes entre biografia, biografemas e escritura e perceber fenômenos de natureza diferente mas aqui aproximados.

A voz diferenciadora do “negro-autor” até então ausente da literatura brasileira, fazendo-o antecipar-se a Cruz e Souza e Lima Barreto, guardando-se as devidas diferenças. Abro aqui um parêntese para mencionar um outro autor negro, anterior, Caetano Moura (cf. Veiga, 1979), que, nascido na Bahia em 1780, começa a publicar em 1837 e que traduziu Chateaubriand, Walter Scott e Fennimore Cooper.

Mas Lígia nos mostra ainda como ele pôde invadir também os territórios de áreas destinadas aos brancos, como a advocacia, a ciência jurídica, etc. E nos aponta para um importante problema, envolvendo biografia, práticas, representação, os riscos de um autor de literatura se assumir como autor satírico.

Utilizando gêneros “menores”, procedimentos paródicos, falas e expressões populares, que se, por um lado, revertem e até subvertem estatutos da cultura e da literatura, podem, por outro, servir eles mesmos de arma disparada contra, vindo a implicar a desqualificação de seu autor. Isso levaria a que se pudesse considerá-lo menor ou proveniente de estratos populares, cuja fala, em vez de apresentar estratos mitificados, à maneira dos românticos, era

muitas vezes apresentada em seu viés direto e contundente.

Sabemos muito bem o que isso significa, em termos de hierarquia dos gêneros na cultura, comparando-se aos registos mais nobres da criação literária. O pseudônimo Getulino, para além de uma referência paródica, que o autor usa na primeira edição de suas *Trovas*, aponta naturalmente para uma espécie de cautela, ao ingressar nesse território complexo e também discriminado, a partir de registos mais estabilizados e solenes.

A autora da introdução às *Trovas* nos faz acompanhar também, e com pertinência, a trajetória do riso e da paródia. Apontam-se, como modelos presentes no ideário poético de Luiz Gama, textos de alguns árcades, mas sobretudo de Bocage e de Camões, presenças de fato muito fortes. Há, no entanto, outros diálogos discursivos e temáticos como, por exemplo, com o *Quixote* de Cervantes...

A capacidade de não se acomodar, de rir de si mesmo e dos outros, de captar traços de sua personalidade, vindo a compor e a impor um auto-retrato, como Bocage tinha feito. Os poemas caricatos, a visão pessimista do casamento, das instituições em geral, a crítica à frivolidade da mulher nos compassos da moda, a visão crítica de uma tropicalidade (“oh glutões da minha pátria; temos coco, caju, temos banana!”), o exercício regular da paródia configuram e demarcam, sem sombra de dúvida, a importância do poeta Luiz Gama.

No seu referido estudo sobre o poeta/ator de nossa história, Lígia Ferreira, além de apresentar uma cronologia e uma iconografia, oferece um mapeamento dos excertos e publicações, avançando com conhecimento de causa pela questão editorial. Entende o quanto era difícil (e ainda é) para um autor negro furar este cerco (apesar do incentivo de José Bonifácio, o moço) e comenta que a primeira edição das *Trovas Burlescas* não terá alcançado mais do que duzentos exemplares. Mapeia jornais e almanaques literários, em que foram publicados ou republicados poemas de Gama.

Procura também ressaltar que talvez o poeta nem imaginasse o quanto suas sátiras políticas se manteriam bem atuais e despertariam interesse no Brasil de hoje. Conta ainda o percurso editorial, o número de edições, a comparação entre elas, constatando um amadurecimento poético das edições das *Trovas*, da edição de 1859 a 1861, e na rede que lançou consegue trazer importantes subsídios para uma história da edição no Brasil.

Uma questão que é também aí muito bem situada, e no caso imprescindível, é a da identidade, tema hoje tão discutido (mesmo um chavão), muitas vezes de forma unívoca. Concordo com o ponto de vista já expresso por alguns pensadores contemporâneos, de que somos perpassados por várias correntes identitárias. Quem quiser encontrar em Gama só africanidade, sátira ou mundo popular estará equivocado. A autora nos fala de “um leque de identidades partilhadas”. Observamos que matrizes ibéricas da cultura aí estão repercutidas, procedimentos de toda uma tradição literária, situações dramáticas das vivências de

negros sujeitos aos brancos, um discurso misturado dos mais vários elementos culturais e a construção de uma África muitas vezes imaginada.

É a partir da condição de mestiço que se recupera não a homogeneidade, ou a acomodação, mas o conflito, a discrepância – sua opção, no caso dele –, exacerbados pelas vicissitudes da vida real e que o inscrevem, apesar de ser o autor de um livro só, como um importante autor negro da nossa literatura: ator, personagem e sintoma.

Assim também a sua divisão de mundo, e até a ambigüidade de sua condição de escravo, sem o ser, sua mãe era forra; os espaços da infância na casa senhorial do Bângala, na Bahia, o trajeto que incluiria as Arcadas de São Francisco, a famosa Faculdade de Direito em São Paulo, vetor de seu destino e atuação rebelde.

Essa edição das *Trovas Burlescas* é a trazida à cena de nossos dias de um autor importante como este, para ser lido certamente por nossos estudantes, jovens e um público desejoso de situar-se no bojo de nossa cultura, sem disfarces.

BIBLIOGRAFIA

- ARARIPE Jr. *Obra Crítica*. Rio de Janeiro, MEC/ Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1966, t IV.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1964.
- _____. *Dialética da Colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro, MEC, 1972.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Briguiet, 1937.
- COELHO, Jacinto do Prado (org.). *Dicionário de Literatura Portuguesa Galega e Brasileira*. Rio de Janeiro, CBP, 1969.
- FERREIRA, Lígia F. (org.). *Luiz Gama – Primeiras Trovas Burlescas*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- LESSA, Orígenes. *Inácio da Catingueira e Luiz Gama: Dois Poetas Negros contra o Racismo dos Mestiços*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1982.
- MENNUCCI, Sud. *Luiz Gama: o Precursor do Abolicionismo no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1938.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1984.
- PICCHIO, Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.
- RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. 17ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Cultrix, 1964.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.
- VEIGA, Cláudio. *Um Brasileiro, Soldado de Napoleão*. São Paulo, Ática, 1979.